



PERIÓDICUS

ISSN: 2358-0844

n. 20, v. 3
out-dez. 2024
p. 77-90

Superman beijando um homem: um acontecimento žižekiano no campo dos quadrinhos?

(*Superman kissing a man: an event in the field of comics?*)

(*Superman besando a un hombre: ¿un acontecimiento en el campo del cómic?*)

Mário Jorge de Paiva¹

RESUMO: O artigo realiza uma análise de caso de representação LGBTQIAPN+ no mundo dos quadrinhos, por meio da edição *Superman: son of Kal-El # 5*. Nossa pesquisa será qualitativa e a questão principal será ver se tal abordagem da personagem pode ser considerada um *acontecimento*, nos moldes propostos pelo filósofo esloveno Slavoj Žižek. Nossa investigação contará com amplo aporte teórico sobre a história dos quadrinhos e representações LGBTQIAPN+. Nossa conclusão irá apontar como tal edição pode ou não ser considerada um acontecimento, mas nós não considerados de tal modo, por causa de um substrato conservador, *aqueer*.

PALAVRAS-CHAVE: LGBTQIAPN+; Superman; *comics*; Žižek; *queer*.

Abstract: The article aims a case analysis of LGBTQIAPN+ representation, about the world of comics, and we'll talk about *Superman: son of Kal-El # 5*. Our research will be qualitative, and the main question will be: think if this character, Jon Kent, and this edition can be an event, with the lines proposed by the Slovenian philosopher Slavoj Žižek. Our conclusion will point out the ambivalence of this edition, but we do not consider it in such way, an event.

Keywords: LGBTQIAPN+; Superman; *comics*; Žižek; *queer*.

Resumen: El artículo realiza un análisis de caso de la representación LGBTQIAPN+ en el mundo del cómic, a través de la edición *Superman: hijo de Kal-El #5*. Nuestra investigación será cualitativa. Nuestra investigación contará con un amplio sustento teórico sobre la historia del cómic y las representaciones LGBTQIAPN+. Nuestra conclusión señalará cómo tal edición puede o no ser considerada un *evento*, en la línea propuesta por el filósofo esloveno Slavoj Žižek, pero nosotros no lo consideramos como tal, debido a un sustrato conservador y *aqueer*.

Palabras clave: LGBTQIAPN+; *Superman*; historietas; Žižek; *queer*.

¹ Doutor e mestre em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica do Rio de Janeiro (PUC-Rio). Professor de Sociologia da Escola Estadual Prof. Ary de Oliveira Garcia (SP). E-mail: mariojpaiva91@gmail.com.



Artigo licenciado sob forma de uma licença Creative Commons [Atribuição 4.0 Internacional](https://creativecommons.org/licenses/by-nc/4.0/). (CC BY-NC 4.0)

Recebido em 27/04/2023

Aceito em 03/04/2024

1 Introdução

A representação, por meio da cultura, de elementos fora do universo heterossexual não é uma novidade. Aqui, por exemplo, podemos pensar em certos tópicos colocados por Alexandrian (1993) e como tais elementos culturais sofrem alterações dependendo do campo em investigação, da época etc. Por isso, outras sociedades podem nos soar bastante, antropologicamente, estranhas.

O presente artigo deseja fazer um exercício oposto em termos de antropologia. Se estranhar o distante é relativamente fácil, aqui gostaríamos de uma reflexão sobre o próximo. Porque o popular, *pop*, como Slavoj Žižek aponta, possui elementos curiosos, que nem sempre estão claros. Em representações que dialogam com os poderes, saberes, subjetividades e com a *doxa*.²

O texto presente é uma análise da edição *Superman: son of Kal-El* número 5,³ da editora DC Comics, que revela como o novo Superman, Jon Kent, é membro da comunidade LGBTQIAPN+⁴. Para estudarmos o material, vamos vê-lo por meio do conceito de acontecimento, usado por Slavoj Žižek. A questão que queremos confirmar ou refutar é: Superman beijar outro homem é um acontecimento žižekiano no mundo dos quadrinhos?

Metodologicamente nosso trabalho se dividiu em três fases. A primeira consistiu em uma revisão do *estado da arte* sobre representatividade LGBTQIAPN+ em quadrinhos;⁵ tendo em vista o que já produzimos sobre o tema também (Paiva, 2021a, 2021b, 2022a, 2022b, 2022c). Envolveu, igualmente, uma releitura da edição *Superman: son of Kal-El* número 5. A segunda fase realizou uma análise sobre tal noção de acontecimento em Žižek.⁶ A terceira fase foi um exame dessa edição recortada por essas lentes da filosofia, para produção do presente artigo.

O trabalho se divide em quatro partes. Começou pela introdução. Passa para um segundo seguimento que, de modo didático, apresenta o conceito de acontecimento em Žižek.⁷ O terceiro seguimento faz análise da edição recortada de Superman. A quarta parte fecha com algumas considerações finais.

Nossa última ponderação, antes de prosseguirmos, é que não pretendemos traçar uma densa história das representações LGBTQIAPN+ nos quadrinhos norte-americanos ou falar do mundo dos *mangás boys love* (BL);⁸ também não faremos uma discussão mais aprofundada do conceito

2 Ver: Deer (2018).

3 Ver: Taylor e Timms (2021).

4 Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis, Transgêneros, *Queer*, Intersexo, Assexuais, Arromânticos, Agênero, Pansexuais, Polisssexuais, Panromânticos, Não Binários e muito mais.

5 Ver: Best (2005), Cruz (2017), Dalbeto (2015), Lendrum (2004), Scott e Fawaz (2018), Shyminsky (2011) etc.

6 Já havíamos lido algumas obras desse autor, mas de forma dispersa. Essa é a primeira vez que usamos o filósofo esloveno como o aporte teórico principal, o que cria uma série de questões, não sendo uma abordagem tão óbvia. Logo, vale ressaltar, o presente texto não é uma análise minuciosa da obra completa do escritor esloveno ou uma crítica filosófica ao seu aporte. Nosso objetivo é uma aplicação conceitual, pontual, ao case em estudo.

7 Ver: Žižek (2017).

8 Ver: Zsolt Demetrovics e Ágnes Zsila (2017).



de *queer*.⁹ Ressaltamos: o conceito que queremos usar no presente trabalho é o de acontecimento, na forma como Žižek leu esse termo. Em nenhum momento ignoramos como Žižek e o campo dos estudos LGBTQIAPN+ podem possuir suas diferenças, isso é bem claro em Žižek (2023), mas também há pontos de contato, como tentamos mostrar neste artigo.

2 O acontecimento na leitura de Žižek

Slavoj Žižek aponta que suas obras tentam propor variadas formas para certo núcleo elusivo. Esse centro ele chamou de paralaxe,¹⁰ por exemplo, e de diferentes formas o autor buscou chegar aos significantes mestres do materialismo dialético (Žižek, 2016).

A totalidade que une partes é uma falsa totalidade, logo uma lição hegeliana de *Ungleichheit*, dessemelhança, envolve ver como uma unidade orgânica é uma armadilha. A única forma de se chegar à verdade é por meio do despedaçamento dessa unidade. Isso significa que, nesses termos, a verdade é abstrata (Žižek, 2016). Žižek segue uma linha de noções de como o axioma ontológico da dessemelhança é a estrutura universal (Žižek, 2016). Tendo em vista que essa é uma característica muito importante da obra de Slavoj Žižek, tão focada em certos elementos de idealismo e mudanças do ponto de vista, acreditamos que o conceito de *acontecimento* não foge muito disso, de tal tipo de objetivo e questão. Mas a noção de acontecimento, em seu caráter plástico, é um conceito fraco, conceito guarda-chuva.

O acontecimento pode ser praticamente qualquer coisa, o autor está ciente. Assim diz que essa noção de acontecimento funciona como uma noção *anfíbia*. Podendo um acontecimento significar desde uma brutal transformação política até uma decisão íntima. Eis como o autor define um acontecimento: algo chocante, fora do normal, algo surgido aparentemente do nada. Algo, em suma, com caráter milagroso (Žižek, 2017). Por isso o elemento religioso é tão presente em suas obras, religião como uma força para mudanças inesperadas.

Pela plasticidade de seu conceito de acontecimento, ou de paralaxe, Slavoj Žižek consegue navegar por uma infinidade de temas, aceitando o caráter caótico de sua produção, e mesmo polêmico. Não sendo sem razão que muitas críticas, aos seus textos, surgem tanto da esquerda quanto da direita. Aqui pensamos em Ruy Fausto (2017) ou em Roger Scruton (2018).

O acontecimento é uma mudança da maneira como a realidade se apresenta ou é uma violenta transformação dela? Žižek (2017) quer ver transformações da própria noção de universalidade, que se exhibe não como um contêiner vazio de conteúdo, mas algo que engendra seu conteúdo,

9 Ver: Caravaca (2017) e Felizardo (2015).

10 Ver: Žižek (2008).



mediante os antagonismos imanentes, impasses e inconsistências.

O acontecimento é lido como algo que, em vez de acontecer no mundo, muda seu próprio arcabouço (Žižek, 2017). Quando Martin Heidegger trata de *Ereignis* não está fazendo referência ao que acontece na realidade, todavia está abordando uma revelação de um novo mundo com horizonte de significado (Žižek, 2017).

Žižek relaciona tal Coisa ao das Ding de Heidegger, pois a Verdadeira Coisa dissolve qualquer enquadramento simbólico (Žižek, 2016). Žižek está falando de como há um círculo da fantasia, que enquadra tal realidade de todos e o choque surge quando essa Coisa irrompe e *se derrama* (Žižek, 2017).¹¹

Recorrendo a Platão, Žižek se volta ao fato de que divisões, de um gênero em espécies, devem ser feitas em articulações adequadas. Mas e se todos os gêneros tiverem de incluir uma pseudoespécie negativa? E se tais categorizações possuírem uma falha? Uma arbitrariedade? Esse tipo de discussão não é totalmente novidade, se pensarmos também em Michel Foucault (2007), porém é interessante.

Há assim, nessa argumentação, sempre um elemento excedente, em um desequilíbrio entre particular e universal (Žižek, 2017). O autor aponta como há criação das categorias pelo próprio decorrer dos eventos. Se a *queda* nos faz conhecer o bem e o mal é uma *felix culpa*, queda feliz, e Eva é o agente ético original. A conclusão do autor é de um desequilíbrio radical: o acontecimento conclusivo é a própria queda, as coisas surgem de um equilíbrio destruído, quando algo dá errado (Žižek, 2017). Žižek, todavia, fala que há algo de falso em aceitar o *destino*, culpando assim os obscuros desígnios de alguma força maior e nos eximindo do peso de termos uma dimensão de subjetividade, em seu sentido de agência responsável e livre (Žižek, 2017). Sim, somos compelidos, mas assumir condição de pura impotência, frente às forças maiores, é ilusão, uma evasão diante da responsabilidade. Em outros termos: a dimensão da subjetividade é irreduzível (Žižek, 2017).

Sobre os acontecimentos na filosofia ele aborda, de maneira central, três eventos. Trata de Platão, René Descartes e Friedrich Hegel como três pontos-chave na metafísica ocidental, porque cada um promoveu uma ruptura. Nessa leitura, Platão rompeu com a cosmologia pré-socrática, *introduzindo* o idealismo metafísico. Descartes apresentou realidade material mecânica infinita e o *cogito*, como o principal alicerce de nosso conhecimento. Hegel introduziu uma era da historicidade radical, porque os elementos são resultados de processos históricos contingentes. São três intrusões traumáticas (Žižek, 2017).

11 A soma feita entre Jacques Lacan e Heidegger não é estranha, se levarmos em conta toda influência que Heidegger exerceu nesse escritor em certo ponto de sua carreira, uma questão tratada em Žižek (2016).



Platão, Descartes e Hegel terminam servindo de ponte para o autor discutir questões outras, como o sujeito pós-traumático e como o processo hegeliano, mais uma vez, aponta que para se chegar ao final, ao acerto, foi necessário o erro. Seguindo também Henri Bergson, trata de evidenciar como não podemos mudar nossa realidade, materialidade do passado, porém se pode mudar sua dimensão virtual, quando surge algo radicalmente novo. Uma potencialidade pode ser inserida ou removida do passado (Žižek, 2017).

O autor, quando aborda a psicanálise, fala dos elementos da tríade de Lacan: imaginário, simbólico e real. O imaginário é nossa experiência vivida na realidade, mas também sonhos e pesadelos. A dimensão simbólica é do grande Outro, envolvendo regras e significados. O real é algo impossível, que não pode ser diretamente vivido ou simbolizado, é algo com extrema violência, que desestabiliza nosso universo de significados (Žižek, 2017); como estávamos dizendo antes, é algo intrusivo. Aqui parece haver mais elementos de uma espécie de negatividade, o grande Outro não existe, o real é inalcançável etc., etc.

Sobre a anulação de um acontecimento é tratar de anular retroativamente alguma coisa, fazer parecer que ela não aconteceu (Žižek, 2017). Isso envolve ver, mais uma vez, que selecionamos elementos como importantes ou não. Em mudanças de leituras, as quais podem mudar suas potencialidades.

Žižek também indaga tal possibilidade de um acontecimento político autêntico. Acontecimento autêntico como uma guinada radical, já que Žižek se inspira em Alain Badiou, nesse tópico. E sua resposta é: nos últimos anos estamos vivendo um momento pré-acontecimental, que está sendo barrado por um trunfo do capitalismo, tornar cada trabalhador o empresário de si mesmo. Uma falsa liberdade de escolha, eis nova forma da servidão (Žižek, 2017).¹²

O verdadeiramente radical não é a violência física, contudo uma intervenção nas relações sociais e ideológicas. Essas, sem destruírem ninguém, transformam inteiramente o campo simbólico. Mas como? Volta-se o autor, novamente, para o acontecimento como um ato de reenquadramento (Žižek, 2017).

É mesmo uma aceitação de que nossos *inimigos* não são necessariamente cruéis, podendo até sinceramente desejar nossa felicidade, que confirmaria como o mundo deles é o melhor possível (Žižek, 2017).

12 O autor trata que se deve renunciar ao mito do grande despertar, da união dos despossuídos, se assim podemos falar, que juntam forças para decisiva intervenção. Usando Hegel, trata como seria no curso do evento, da própria luta, que a ideia passa por uma transformação profunda, uma redefinição essencial (Žižek, 2017). Em situações de crise uma divisão é necessária, alguns vão querer os velhos parâmetros.



3 O beijo de Superman é um acontecimento žižekiano?

Superman: son of Kal-El é uma revista que acompanha aventuras do jovem Jon Kent, um híbrido entre uma humana e um kryptoniano,¹³ em um período específico de sua vida. Lidando ele com uma série de questões, inclusive o fato do Superman original ter de sair do planeta Terra por um certo período de tempo, assumindo Jon várias responsabilidades do herói mais velho. Nessa travessia, tão explorada, do jovem entrando no mundo dos adultos e tentando descobrir o que faz sentido, o que não faz, quem são seus verdadeiros aliados, adversários etc. A revista existiu do ano de 2021 até dezembro de 2022, quando foi lançada sua última edição, número 18. Sendo que Jon, como uma série de outras personagens, continua existindo no universo DC, mesmo sem tal publicação própria contínua.

A edição 5, de novembro de 2021, começa com tal personagem em queda livre no céu – ver Figura 1. A imagem da queda pode remeter ao erro, mesmo ao primeiro erro humano, da queda bíblica abordada por Slavoj, ou a Ícaro. Mas a queda também envolve essa questão da juventude, como um momento para erros e possíveis reinícios. Superman caindo pode representar o próprio desgaste de uma personagem dos anos de 1930, depois de quase um século de existência.

Figura 1: Superman caindo



Fonte: acervo do autor.

Nessa página já vemos elementos, relevantes, de cor e dos traços das ilustrações. Superman é magro, forte, jovem e usa um uniforme similar ao do Superman anterior, com pequenas variações; como essa falta da *cueca vermelha* por cima da calça. Sobre cores, a paleta aqui trabalha muito

13 Raça da personagem Superman.



com azul, vermelho e amarelo; em um padrão, do círculo cromático, esperado. Essas são cores que já estavam sendo trabalhadas desde a primeira edição de Superman, em junho de 1938.

O vilão Bendix aparece apenas de costas, de modo breve, ele não é o elemento principal dessa edição, sendo que ele será derrotado apenas mais para o fim do arco. Sendo um dos grandes vilões da trama, o conflito deve ser *protelado* até perto do fim.

A história prossegue com Superman salvando pessoas ao redor do mundo e há da parte dele um desgaste, até pelo combate contra Bendix. A personagem vai ficando cansada e fraca; ilustrações e cores colocam essa personagem como visivelmente desgastada. A história é interessante por mostrar o lado herói da personagem, mas também sua fragilidade, seus limites. Para ele, Jon, é um mundo de papel, em que sempre está ouvindo vozes de pessoas precisando de ajuda.

Jon não está conseguindo controlar bem seus poderes; na sequência vai para a casa da personagem Jay. A estética de Jay apresenta um homem jovem, magro, definido, de óculos, cabelos curtos pintados, calça *jeans* e um casaco laranja com elementos verdes.

Jay diz que as pessoas estão filmando Superman pelo mundo todo e que Jon não para. Mas, ao não parar, está perdendo o controle. Ao fazer em demasia, Jay fala, ele deve estar tendo um *burning out*. Jay colocou nele fones de ouvido, que bloqueiam barulhos, então Jon descansa e dorme. Aqui vemos dois elementos interessantes. Primeiro, como reflexo de nossa época, a história aborda mídias sociais e *internet*, comunicação em tempo real, algo que consegue acompanhar essa velocidade de um ente tão poderoso como o Superman. Segundo, o excesso de trabalho, essa aceleração, que leva ao *burning out*. Elementos que, ao seu modo, podem dialogar com Crary (2016), Sloterdijk (2001) e mesmo com Maria Isabel Almeida e demais autores (2016), ao falar de toda uma questão da velocidade, em uma necessidade de paragem. O sono, como em Crary (2016), é um elemento ainda difícil de capturar, podendo ser uma resistência biológica contra o ritmo ininterrupto. Um elemento de, talvez, preferir não fazer, em vez de abraçar essa velocidade incessante.

Jon acorda e agradece, já está escuro lá fora. Jay e Jon conversam um pouco e a página seguinte é, inteira, um quadro deles se beijando – ver Figura 2. Não há falas, narração, apenas o beijo nessa página. Em um elemento visual direto, de fácil mimetismo; os criadores já sabiam como essa página seria um ponto marcante, com possível reprodução em vários *sites* etc.



Figura 2: Jon beijando Jay

Fonte: acervo do autor.

Jay sorri, Superman sorri, mas essa felicidade dura pouco. Superman diz que deve ir, sempre há uma urgência. Jon deixa sua capa com Jay, fala que vai voltar em breve para pegá-la, hora de trabalhar. O último quadro mostra Superman voando sem capa, sorrindo – ver Figura 3.

Figura 3: Fim da edição *Superman: son of Kal-El* # 5

Fonte: acervo do autor.

A história trabalha com esses elementos de fragilidade, de uma personagem quase divina, e assim humaniza. A personagem começa caindo e no final está ascendendo, isso é chamativo. Há



assim um elemento de novo vigor, que os artistas querem dar para o produto, e até certo elemento de amor romântico sendo trabalhado. A falta da capa como um símbolo da mudança, que vai se concretizar, melhor, quando Jay lhe der sua nova capa, modificada, em sua história especial da DC Pride 2022.¹⁴ A capa como não só um elemento de distinção entre o Superman e as pessoas comuns, mas também como um elemento que é um peso extra, atrapalha os movimentos. A capa de Superman, voltemos para nossa Figura 1, parece muito grande, não?

Vamos ao elemento principal: podemos ver tal edição como um acontecimento no mundo dos quadrinhos? Lembrando que o autor esloveno define acontecimento como algo chocante, fora do normal, uma intrusão inesperada, traumática, milagrosa. Algo que muda o formato como vemos os próprios arcaouços do mundo (dos quadrinhos), pois as próprias categorias se alteram, com o decorrer dos eventos, sendo algo que destrói um equilíbrio. Em uma dimensão que discute com o que faremos diante das mudanças, porque possuímos uma *dimensão de subjetividade irreduzível*. A resposta, porém, pode ser ambivalente. Parece-nos mais provável que cause choque, e pareça algo inesperado, exatamente para os que virem isso por lentes conservadoras ou reacionárias. Mas, em nossa leitura, a edição do Superman nos soa pouco ousada em mais de um aspecto, então ela não choca, não é um marco, profunda ruptura. Demonstra um processo em andamento, que, na verdade, nos soa muito vagaroso.

Os quadrinhos possuíram uma dimensão de representatividade implícita de entes LGBTQIAPN+ durante décadas, como aponta Cruz (2017). E quando tal questão foi mais abertamente formulada, nos anos 50, isso foi fonte de um pânico moral e uma forma de mais controle, sobre o que estava sendo produzido em tal meio. Um medo de que Batman fosse homossexual ou que a Mulher Maravilha, por ser mulher empoderada, fosse lésbica (Cruz, 2017).

Há, também, um elemento de como certos vilões *queer* ainda se mostram muito cultuados pelos fãs, mesmo com suas personalidades morais duvidosas; sendo esse o caso de certos vilões da Disney ou de desenhos mais recentes.¹⁵ Sim, há um substrato de liberdade *queer* que não deve ser negado, então esses vilões e personagens dúbios são mais *milagrosos*, livres, felizes, inesperados, do que a personagem Superman ou Batman, em suas respectivas previsibilidades, seriedades. O Batman mal sorri, seu uniforme é um símbolo de seus medos e traumas, que não foram superados.

Como podemos lembrar com Nunan (2003), aqui estamos trabalhando com marcas, logo há em Superman grandes interesses mercadológicos e a manutenção de certos padrões e elementos. Histórias que quebram esse tipo de modalidade podem possuir, em nossa leitura, uma carga mais

14 Ver: Lore e demais autores (2022).

15 Ver: Mancio, Maranhão e Santos (2019).



acontecimental, como na luta entre Batman e Superman em história clássica de Frank Miller (2011). A paralaxe foi pegar o maior símbolo de heroísmo e mostrar como ele, em mãos erradas, se torna uma ameaça praticamente indestrutível.

Nos termos de Slavoj, dificilmente esse gibi de Jon se enquadra em um acontecimento autêntico. O Superman trabalha aqui apenas para manter o sistema funcionando. A ameaça política, sem grande novidade, surge de outro país, de uma ilha governada por um presidente louco, aqui Bendix. Já vimos isso tantas vezes antes, é impressionante. Logo, em uma leitura žižekiana, talvez Superman surja como o inimigo que deseja nossa felicidade, que se vende como uma confirmação de sua visão de mundo; manutenção social e ideológica, que existe com pequenas concessões.

Não parece existir uma rebeldia *queer* nesse novo Superman, apenas uma ressignificação, em que se acrescentou ele, o bissexual ou homossexual, ao universo estético do belo, harmônico e saudável, eis, apenas, uma normalização da dimensão LGBTQIAPN+. Superman beijando outro homem pode ser encarado como uma grande novidade, um acontecimento, contudo também pode ser visto como uma inclusão mínima de mudança. Algo feito com o máximo de cuidado, que apenas tenta uma captura do público LGBTQIAPN+.

A dimensão do acontecimento, por sua própria estrutura anfíbia, se permite uma divisão em dois sentidos pelo menos. Um acontecimento positivo ou um acontecimento negativo, no sentido de algo ruim. Talvez surja esse Superman como um acontecimento para algum ente LGBTQIAPN+ jovem, que esteja começando nas leituras dos quadrinhos agora. Em uma representatividade inesperada, que apareça como um milagre, uma revolução, algo impactante e inesquecível. Mas, para nós, parece muito pouco.

Talvez esse Jon Kent nos pareça mais uma dimensão pré-acontecimental no mundo dos quadrinhos. Algo que não é um acontecimento, porém aponta para uma possibilidade de um acontecimento. Aponta para uma rebeldia criativa, com dimensões *queer*, que aqui não vemos. Um romance entre Batman e Robin, em uma concretização de um pânico moral dos anos 50, não poderia ser um acontecimento?

Os maiores riscos, acreditamos, essas editoras ainda vão relevar aos espaços não tão centrais no campo dos quadrinhos. Estrela Polar, tratado por Dalbeto (2015), quantas pessoas conhecem ele? Um Robin bissexual hoje não possui mitigada relevância, diante do fato de o Batman agora ter uma *penca* de ajudantes?

Em nossa leitura, até por lidarem com um público jovem, essas marcas se mostram mais conservadoras, não sendo *labels* que apostem, frequentemente, em grandes inovações. O que não necessariamente é uma característica de todas as marcas, se pensarmos, por exemplo, na Balenciaga



sob essa regência criativa de Demna Gvasalia.

Como Zeitune (2021) mostra, a reinvenção da Balenciaga passou por algo que alguns achariam uma loucura e bizarrice. Em um visual que não buscou perfeição e usou modelos que não estávamos acostumados no mundo *fashion*. E, assim, a marca conseguiu se conectar com essa geração mais jovem, enquanto outras enfrentam um envelhecimento de seu público consumidor. Gvasalia usa da ironia de pegar elementos extremamente baratos e torná-los itens de luxo, que custam milhares de euros. Tais elementos estranhos, para os clientes, surgem como gestos de protesto, autenticidade e mesmo uma estética de decadência; contesta os clichês e debocha da indústria da moda, em plataformas e símbolos da cultura de massas. Em uma aposta de campanha de que *Ugly is the new Black*, se valendo do *meme-bait* como estratégia. Agora é ver se esse tipo de estratégia é relevante na longa duração (Zeitune, 2021).

Se nós citamos a Balenciaga é para mostrar como marcas não necessariamente precisam de abordagens conservadoras; há espaço para inovações, e a diferença pode ser um fator de conexão com uma nova geração que vê certos clichês como desgastados.

Agora com mais distanciamento, com essa série de revistas de Superman chegando ao seu fim, podemos observar melhor certa limitação da personagem Jon. O problema, em si, não é ser um relacionamento com elementos tímidos e discretos, mas a forma como isso é trabalhado. Há elementos interessantes nessa série de revistas, porém que poderiam ter brilhado mais em outras mãos ou talvez tenha faltado liberdade criativa. Em suma: há alguma limitação aqui.

4 Considerações finais

O presente artigo foi um trabalho que relacionou os estudos de quadrinhos e os estudos LGBTQIAPN+, demos enfoque principal ao caso de Jon Kent na edição *Superman: son of Kal-El* número 5. Observando, com um distanciamento temporal maior, que alguns elementos fazem mais sentido, já outros não foram totalmente eficientes.

Como um ponto original do artigo, nós tentamos realizar uma exploração da edição pelo prisma conceitual žižekiano de acontecimento. Žižek, por tratar de ideologia e cultura pop, abre espaço para tal tipo de investigação, mesmo que seu foco maior não seja esse mundo dos gibis.

A ideologia dialoga com elementos de uma tríade lacaniana, da forma como vemos o mundo e dos choques intrusivos e inesperados, que inclusive mudam nossa percepção dos fatos. Há um elemento de dessemelhança e ruptura axiomático, disso uma importância de conceitos *anfíbios*, como paralaxe, acontecimento etc. O que nos interessa em Žižek é essa ideia de mudança de percepção, abertura para saberes ou subjetividades diferentes; uma dimensão crítica, que está



presente na obra de Foucault, Bourdieu, Judith Butler, Preciado etc.

O acontecimento como uma dimensão de transformação, de algo que não pode ser, completamente, capturado em categorias analíticas. Como um conceito, e conceitos políticos possuem muito disso, há uma dimensão de ambivalência presente, em que nossa conclusão é: a edição em análise pode ou não ser um acontecimento. Em nossa leitura não foi, inclusive pelo cenário que já vimos em nossos estudos anteriores sobre quadrinhos (Paiva, 2021a, 2021b, 2022a, 2022b, 2022c). Faz parte de uma linha histórica lenta de mudanças no mercado, que se voltam para maior representatividade, mesmo que também tentem minimizar riscos diante de um público conservador ou reacionário.

Essa edição, para nós, é apenas um pouco mais do que o Burger King lançando um *milkshake* sabor unicórnio¹⁶ para homenagear tal comunidade em 2018. Legal, mas não vai além. Se tendo em vista, inclusive, como o Burger King cria produtos para serem relativamente baratos, sem grandes ingredientes ou inovações. O importante é custo-benefício, padronização na linha de montagem das unidades etc. A qualidade dos produtos é tão questionável, em certas marcas, que vale lembrar até da polêmica do McDonald's no Brasil, em 2022, com o McPicanha que não tinha picanha, mas era *sabor* picanha, com um molho ou um aroma de picanha etc. O intrusivo não foi uma criatividade do produto, mas tal crítica contra o produto. Em algo pontual, porque os consumidores já não esperam muito de certas marcas mesmo.

Nesses termos, o novo Superman não parece ter essa dimensão de uma intrusão inesperada, de rebeldia, *milagre*, tal personagem é bem *aqueer*. Na melhor das hipóteses, talvez Jon seja uma dimensão pré-acontecimental, porque, ao existir, abre espaço para futuras explorações mais criativas, rebeldes. De alguma forma, a estética do novo Superman é uma apropriação medíocre de elementos do mundo LGBTQIAPN+. O que antes era doente, pecaminoso, moralmente condenável etc., se tornou agora parte do normal.

Bendix é o inimigo externo que desvia o foco dos principais problemas políticos e sociais do caso norte-americano, mesmo que, enfim, existam vilões como Lex Luthor e similares para evitar o completo maniqueísmo de nós *versus* os outros estranhos.

Referências

ALEXANDRIAN, S. *História da literatura erótica*. Rio de Janeiro: Rocco, 1993.

16 *Milkshake* sabor baunilha, *blueberry*, calda de morango, granulados, com uma casquinha de sorvete no topo, para ser o chifre do unicórnio.



- ALMEIDA, M. I. M. (org.). *Cartografias da paragem: desmobilizações jovens contemporâneas e o redesenho das formas de vida*. Rio de Janeiro: Gramma, 2016.
- BEST, M. Domesticity, Homosociality, and Male Power in Superhero Comics of the 1950s. *Iowa Journal of Cultural Studies*, Iowa City, v. 6, n. 1, p. 80-99, 2005.
- CARAVACA, I. R. *Queerbaiting: the unfulfilled promise of queer representation*. [S. l.: s. n.], 2017. Disponível em: https://www.academia.edu/37045999/Queerbaiting_The_Unfulfilled_Promise_of_Queer_Representation. Acesso em: 15 jan. 2022.
- CRARY, J. *24-7: capitalismo tardio e os fins do sono*. São Paulo: Ubu, 2016.
- CRUZ, D. P. *A outra ponte do arco-íris: discursos e representações LGBTT nas histórias em quadrinhos de super-heróis norte-americanas*. 2017. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, 2017.
- DALBETO, L. C. *SUPERGAY: diferenças, singularidades e devir nas superaventuras da Marvel*. 2015. Dissertação (Dissertação em Comunicação) – Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2015.
- DEER, C. *Doxa*. In: GRENFELL, M. *Pierre Bourdieu: conceitos fundamentais*. Petrópolis: Vozes, 2018. p.155-168.
- DEMETROVICS, Z.; ZSILA, Á. The boys' love phenomenon: A literature review. *Journal of Popular Romance Studies*, Frederick, v. 6, p. 1-16, 2017.
- FAUSTO, R. *Caminhos da esquerda*. São Paulo: Companhia das Letras, 2017.
- FAWAZ, R.; SCOTT, D. Introduction: queer about comics. *American Literature*, Chichester, v. 90, p. 197-219, 2018. Disponível em: https://www.academia.edu/36801487/Introduction_Queer_about_Comics. Acesso em: 2 nov. 2022.
- FELIZARDO, J. G. *Estética Queer: experiência, subversão, multiplicidade e devir na contemporaneidade*. 2015. Dissertação (Mestrado em Ciências da Linguagem) – Universidade do Sul de Santa Catarina, Florianópolis, 2015.
- FOUCAULT, M. *As palavras e as coisas*. São Paulo: Martins Fontes, 2007.
- LENDRUM, R. Queering super-manhood: the gay superhero in contemporary mainstream comic books. *Journal for Arts, Sciences and Thechnology*, Kingston, v. 2, n. 2, p. 69-73, 2004.
- LORE, D. et al. *DC Pride 2022*. Burbank: DC, 2022.
- MANCIO, C. P.; MARANHÃO, E.; SANTOS, G. Queer representation incorporated at “Him”, character of “The Powerpuff Girls”. *Journal of*



Science and Technology of the Arts, Porto, v. 11, n. 1, p. 11-21, 2019.

MILLER, F. *Batman: cavaleiro das trevas*. São Paulo: Panini books, 2011.

NUNAN, A. *Homossexualidade: do preconceito aos padrões de consumo*. Rio de Janeiro: Caravansarai, 2003.

PAIVA, M. J. Análise de caso sobre representações LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis: sobre a representação de Superman na edição especial *DC Pride 2022*. *Caderno eletrônico de Ciências Sociais*, Vitória, v. 10, n. 2, p. 36-52, 2022a.

PAIVA, M. J. Análise do sadomasoquismo erótico existente no *mangá My beloved Sadist*. *Revista Gênero*, Rio de Janeiro, n. 22, p. 1-18. 2021a.

PAIVA, M. J. Análise sobre representação LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis: sobre a personagem Robin em *Batman: Urban Legends* número 6. *Revista Sem Aspas*, v. 11, p. 1-20, 2022c.

PAIVA, M. J. Análise sobre representação LGBTI+ em um quadrinho de super-heróis: Superman: Son of Kal-El. *9ª Arte*, São Paulo, v. 10, p. 1-20, 2022b.

PAIVA, M. J. John Constantine e a questão homoafetiva: uma análise sobre representações LGBTI+ em quadrinhos de super-heróis e animações infanto-juvenis. *Revista Sem Aspas*, Araraquara, v. 10, p. 1-18, 2021b.

SCRUTON, R. *Tolos, fraudes e militantes*. São Paulo: Record, 2018.

SHYMINSKY, N. “Gay” Sidekicks: queer anxiety and the narrative straightening of the Superhero. *Men and Masculinities*, London, v. 14, n. 3, p. 288-308, 2011.

SLOTERDIJK, P. *Eurotaoismo*. Barcelona: Seix Barral, 2001.

TAYLOR, T.; TIMMS, J. *Superman: son of Kal-El*. New York: DC Comics, 2021. n. 5.

ZEITUNE, L. J. G. Popularizing Haute Couture: a Balenciaga brand case study. *Art and Design Review*, Irvine, n. 9, p. 46-57, 2021.

ŽIŽEK, S. *A visão em paralaxe*. São Paulo: Boitempo, 2008.

ŽIŽEK, S. *Acontecimento: uma viagem filosófica através de um conceito*. Rio de Janeiro: Zahar, 2017.

ŽIŽEK, S. *O sujeito incômodo*. São Paulo: Boitempo, 2016.

ŽIŽEK, S. *Uma esquerda que ousa dizer seu nome*. Rio de Janeiro: Vozes, 2023.

